



**Fundação Educacional do Município de Assis  
Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis  
Campus "José Santilli Sobrinho"**

**Coordenadoria de Publicidade e Propaganda**

**RAMON RAMOS FARIA SILVA**

**ELVIS: O MITO**

**Assis**

**2011**



**Fundação Educacional do Município de Assis  
Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis  
Campus "José Santilli Sobrinho"**

**Coordenadoria de Publicidade e Propaganda**

**RAMON RAMOS FARIA SILVA**

**ELVIS: O MITO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda do Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis – IMESA e à Fundação Educacional do Município de Assis – FEMA, como requisito parcial à obtenção de Certificado de Conclusão.

Orientando: Ramon Ramos

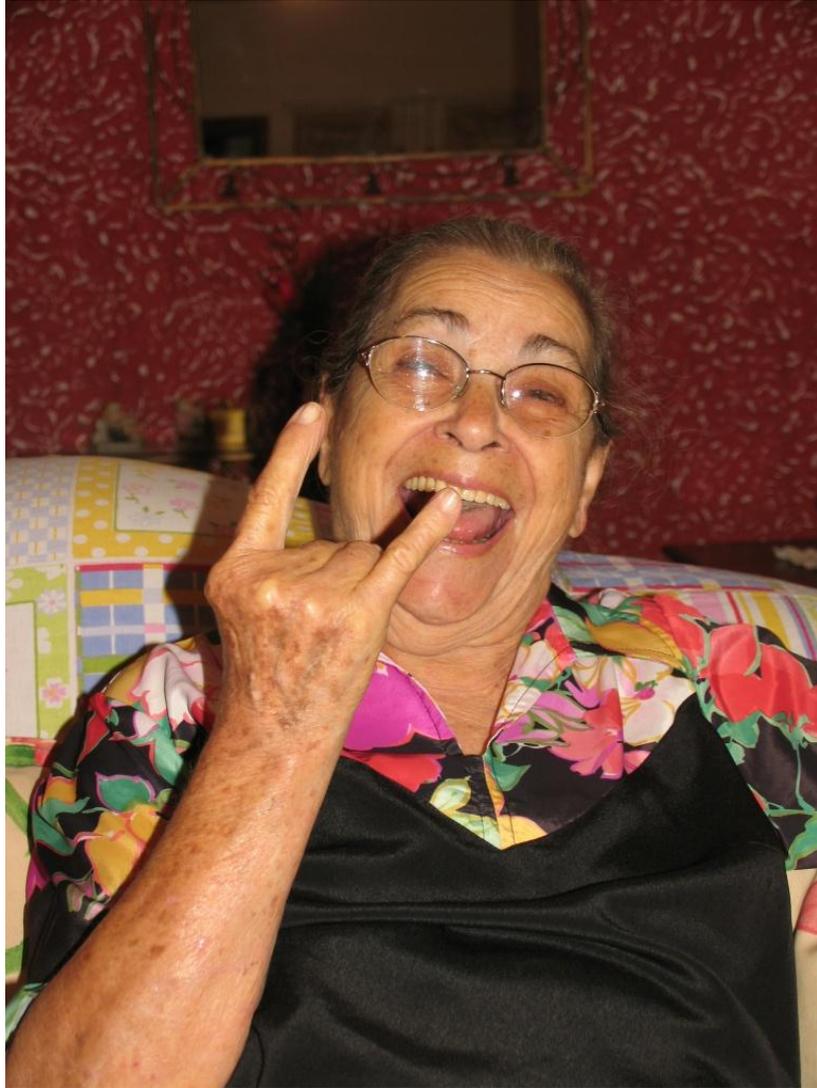
Orientadora: Profª Drª Elizete Melo da Silva.

Linha de Pesquisa: Ciências Sociais e Aplicadas.

**Assis**

**2011**

## Dedicatória



À minha saudosa Nonna, que esteve ao meu lado em todos os momentos de minha vida e sempre acreditou em meu potencial, e à minha Mãe, que me apoiou em tudo com muito amor e dedicação.

Barbara Ramos e Ruth Ramos.

## Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço a DEUS, por me dar forças para continuar lutando, mesmo tendo algumas derrotas.

Agradeço também a todos os meus amigos que estiveram comigo ao longo dessa viagem chamada FACULDADE, e a todos que me ajudaram a chegar até aqui, em especial, à minha orientadora, Dedé, e às minhas professoras de quem eu nunca me esquecerei; Eliane Galvão, Márcia Valéria e Alcioni Galdino. A minha noiva Alessandra que muito me apóia, e mais uma vez agradeço a minha mãe e a minha Nonna que sempre me deram todo o amor, carinho e apoio.

Como o Rei já dizia “I did it my way”. É Isso eu fiz do meu jeito!

### My way

“I've loved, I've laughed and cried  
I've had my fails, my share of losing  
And now as tears subside  
I find it all so amusing  
To think I did all that  
And may I say, not in a shy way  
Oh, no, no not me  
I did it my way”...

### (tradução) My way

“Eu amei, eu ri e chorei  
Eu tive minhas faltas, minha parte de perder,  
E agora que as lágrimas cessaram  
Eu acho isso tudo tão divertido  
Pensar eu fiz tudo aquilo  
E se posso dizer, não de um modo tímido  
Oh, não, não eu  
Eu fiz do meu jeito”...

*Antes de Elvis, não existia nada...*

(John Lennon)

*“O Mito é nada que é tudo  
O mesmo sol que abre os céus  
É o um mito brilhante e mudo”*

(Fernando Pessoa)

## Resumo

O presente trabalho de conclusão de curso tem por objetivo analisar o comportamento humano diante do fenômeno musical Elvis Presley, sua influência sobre os jovens de sua época e entender o que fez, e o que ainda faz as pessoas se deslumbrarem com suas músicas e comprarem seus produtos.

Pretende-se, ao longo da pesquisa, verificar a relação existente entre a criação do ídolo “Elvis Presley” e de seu talento, e perseverança, mesmo sendo vítima de preconceitos por ir de encontro a um sistema estabelecido. Busca-se compreender o que o levou ao sucesso mundial e a tornar-se o primeiro “mega star” da música popular, inclusive em termos de marketing.

Objetivamos, neste trabalho, também, refletir sobre o uso e a influência da publicidade pela mídia para a formação do mito, como também a devoção incondicional dos fãs de Elvis Presley.

**Palavras- chave:** Elvis Presley; ídolo; marketing; publicidade; mídia; mito.

## ABSTRACT

This conclusion of course work is to analyze human behavior in the face of Elvis Presley musical phenomenon, its influence on young people of his time and understand what did and what makes people still dazzle with their music and buy their products.

It is intended, during the research, assess the relationship between the creation of the idol “Elvis Presley” and her talent and perseverance despite being the victim of bias to go against an established system, culminating in worldwide success and becoming the first “mega star” of popular music, including in terms of marketing.

Our objective in this study also reflect on the use and influence of advertising in the media for formation of the myth, as well as the unconditional devotion of fans of Elvis Presley.

**Keywords:** Elvis Presley; idol; marketing; advertising; media; myth.

## SUMÁRIO

|                                                                                                     |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Introdução.....                                                                                     | 9  |
| Capítulo I – O ídolo em questão                                                                     |    |
| 1. Vida e morte de um ídolo.....                                                                    | 11 |
| Capítulo II – Rock and Roll                                                                         |    |
| 2. Breve histórico do Rock and Roll e a importância de Elvis nessa nova era e estética musical..... | 23 |
| Capítulo III – Mídia X Mito                                                                         |    |
| 3. A influência da mídia na construção de um Mito.....                                              | 33 |
| Capítulo IV – O estrategista                                                                        |    |
| 4. O grande responsável pelo sucesso de Elvis.....                                                  | 37 |
| Capítulo V – Love Me Tender                                                                         |    |
| 5. Devoção incondicional ao ídolo e ao mito.....                                                    | 44 |
| Conclusão.....                                                                                      | 47 |

## INTRODUÇÃO

O objetivo desse trabalho é levantar uma pesquisa biográfica sobre Elvis Presley, criar um estudo acerca do comportamento humano, nas décadas de 1950, 1960 e 1970, em que, de certa forma, consolidou-se o sucesso fenomenal do cantor, sua influência sobre os jovens da época, o preço do pioneirismo transformador e entender o que fez e ainda faz as pessoas se deslumbrarem com suas músicas e comprarem seus produtos. Pretende-se, ao longo da pesquisa, verificar a relação existente entre a criação do mito “Elvis Presley”, seu talento e perseverança, mesmo sendo vítima de preconceitos por ir de encontro a um sistema estabelecido, culminando em sucesso mundial e tornando-se o primeiro “mega star” da música popular, inclusive em termos de marketing.

Aqui será estudado também o uso e a influência da mídia na formação do mito e na escalada ao sucesso, o talento musical de Elvis Presley e sua importância para a criação de uma nova era, e estética em música e cultura popular, a devoção ao ídolo nas décadas acima citadas e a devoção hereditária, sua decadência física e morte em 1977, bem como enfocará o indivíduo idolatrado que é o elemento essencial do mito.

Junito de Souza Brandão, em Mitologia grega, examina o mito do herói grego e assim o define:

Virtualmente, todo herói é uma personagem, cuja morte apresenta um relevo particular e que tem relações estreitas com o combate, com a agonística, a arte divinatória e a medicina, com a iniciação da puberdade e os mistérios; é fundador de cidades e seu culto possui um caráter cívico; o herói é, além do mais, ancestral de grupos consangüíneos e representante protótipo de certas atividades humanas fundamentais e primordiais. Todas essas características demonstram sua natureza sobre-humana, enquanto de outro lado, a personagem pode aparecer como um ser monstruoso, com gigante ou anão (...), voltado para a violência sanguinária, a loucura, a astúcia, o furto, o sacrilégio e para a transgressão dos limites e medidas que os deuses não permitem sejam ultrapassados pelos mortais. E, embora o herói possua uma descendência privilegiada e sobre-humana, se bem que marcada pelo signo da ilegalidade, sua carreira, por isso mesmo, desde o início é ameaçada por situações críticas. Assim, após alcançar o vértice do triunfo com a superação de provas extraordinárias, após núpcias e conquistas memoráveis, em razão mesmo de suas imperfeições congênitas e descomedimentos, o herói está condenado ao fracasso e a um fim trágico. (2001, p.19)

Na definição acima se encontram elementos que se encaixam plenamente na figura do ídolo do rock da sociedade pós-industrial.

Existe, nesse ídolo, uma condição sobre-humana a qual a mídia se encarrega de alardear sem a preocupação de serem os fatos reais ou não. Eles estão acima do bem e do mal, quase tudo lhes é permitido (desde o uso de drogas até agressões, passando por orgias sexuais e acidentes por alta velocidade). Vê-se também a escalada do ídolo num universo de sofrimento familiar, necessidades financeiras, culminando em sucesso na vida artística e fracasso na pessoal. Ao final, a morte vem confirmar sua dupla natureza: a humana e a divina, eternizando-o.

Nesse trabalho veremos também um breve histórico do “rock Billy”, do rock, da indústria cultural e o avanço do mercado de bens de consumo.

Em sua estruturação, este trabalho é composto por quatro capítulos. No primeiro, apresentamos uma pesquisa biográfica sobre Elvis Presley, o segundo capítulo trata de salientar um breve histórico do Rock and roll e analisar a importância de Elvis nessa nova era e estética musical e cultura popular. Para tanto estudaremos sua escalada ao sucesso através de suas gravações musicais, filmes e shows, que o tornou o primeiro “mega star” da música popular e do marketing e o preço do pioneirismo transformador.

O terceiro capítulo apresenta uma análise detalhada da influência da mídia na construção de um mito e no quarto capítulo veremos a devoção incondicional ao ídolo, uma vez que para os fãs e apreciadores de Elvis Presley a morte física pouco importa. Para seus admiradores, enquanto houver desejo e emoção, o cantor viverá.

Ao final deste estudo todos os capítulos se completam e culminam em uníssono numa conclusão.

## Capítulo I – O ÍDOLO EM QUESTÃO

### 1. VIDA E MORTE DE UM ÍDOLO

No final da primeira metade do século XVIII chega aos Estados Unidos o primeiro integrante da família Presley, estabelecendo-se no estado da Carolina do Norte.

Apesar do nome de família ser grafado com dois “s”, o pai de Elvis foi registrado com somente um. A família Smith, família materna, tem origens nos estados das Carolinas. Gladys Love Smith, mãe de Elvis, posteriormente conhecida como Gladys Presley, nasceu no dia 25 de abril de 1912 em Pontotoc no Mississippi, Vernon Elvis Presley ou simplesmente Vernon Presley nasce em 10 de abril de 1916 em Fulton no estado do Mississippi. No ano de 1933, os pais de Elvis se conhecem. Eles se casam em 17 de junho do mesmo ano no condado de Pontotoc.

Elvis Aaron Presley nasceu na cidade de East Tupelo, no Estado do Mississippi, no dia 8 de janeiro de 1935, gêmeo univitelino com Jessie Garon, que nasceu morto. Elvis nasceu e cresceu em circunstâncias de muita pobreza, pois além da derrocada financeira de 1929, com a quebra da bolsa de Nova York que assolou o país, ele cresceu em meio aos destroços de um furacão que devastou sua cidade no dia 5 de abril de 1936.

Esse triste fato ocasionou mesmo o estado do Mississippi sendo na época um centro do racismo americano, uma união entre brancos e negros, que deixaram de lado por algum tempo o conflito racial em prol da reconstrução da cidade. Elvis aprendeu com os pais a ser respeitoso independentemente de aspectos de qualquer ordem, quer étnicos, sexuais, sócioeconômico-financeiros. Desde seus primeiros anos de vida, seus pais o levavam à Igreja da Assembleia de Deus. Esse fato influenciou muito sua formação pessoal e musical também. Numa parte de sua primeira infância, esteve privado da figura do pai, preso em 1937, juntamente ao irmão de Gladys, devido a estelionato. O menino Elvis Presley foi uma criança muito solitária e por muitas vezes ia até o cemitério onde estava enterrado seu irmão gêmeo natimorto para “conversar” com ele por horas a fio. Somando-se a isso, a família foi despejada da sua moradia e, assim, Gladys e seu filho tiveram que se mudar para a casa dos pais de Vernon. Seu pai seria libertado da prisão no ano de 1941.

O vínculo entre filho e mãe a esta altura era algo muito forte o que fazia com que Elvis e Gladys fossem muito apegados um ao outro. Elvis tinha um amor incondicional por sua mãe. Em 1945, Elvis participou de um concurso de novos talentos na “Feira Mississippi-Alabama”, onde conquistou o segundo lugar e o prêmio de cinco dólares, mais os ingressos para todas as diversões. Ele cantou, na ocasião, Old Shep, canção que retrata o desespero de um menino pela perda de seu cão. Desde cedo, o menino demonstra vocação para ser cantor.

No mesmo ano, os seus pais o presentearam com um violão, pois não tinham condição financeira de dar-lhe uma bicicleta a qual era seu desejo. O violão, então, passou a ser a sua companhia constante, inclusive na escola. Elvis e a família mudaram-se para Memphis no dia 12 de setembro de 1948. A família Presley morou por bastante tempo em condições precárias, alojando-se em um quarto de um casarão ocupado por várias famílias igualmente pobres. No ano seguinte, com a ajuda da Promoção Social, mudaram-se para um prédio melhor e Elvis se ligou a WDIA, emissora local dedicada somente à música negra e que tem como Dj o Blusman B.B King.

Do período de 1948 até 1954, Elvis trabalhou em várias atividades. Foi lanterninha de cinema e motorista de caminhão. Concluiu seus estudos em 1953. Nas horas vagas, cantava e tocava seu violão e, eventualmente, onde possível, arriscava alguns acordes ao piano. As suas influências musicais foram o pop da época, particularmente Dean Martin; o country; a música gospel, ouvida na 1ª Igreja Evangélica Assembleia de Deus da sua cidade; o R&B, capturado na histórica “Beale Street” em sua adolescência na cidade de Memphis, além de seu apreço pela música erudita, particularmente a ópera. Um de seus maiores ídolos era o tenor Mario Lanza e, naturalmente, cantores gospel como J. D. Sumner, seu preferido.

Em 18 de julho de 1953, Elvis pagou US\$ 4,00 para gravar um acetato com as canções; “My Happiness” e “That’s When Your Heartaches Begin” na “ Memphis Recording Service” para presentear sua mãe pelo seu aniversário. Por ocasião dessa gravação, foi contratado como cantor de estúdio pela Sun Records, cantando country ao lado de Scotty Moore e Bill Black. Um dia foi visto cantando “That’s Alright”, pulando pelo estúdio e batendo no violão. Pediram que ele fizesse outra vez, gravaram e a canção chegou a ser tocada no rádio, sendo que sua interpretação foi considerada bem aceitável em se tratando de um blues cantado por um músico branco. Este dia era 5 de julho de 1954 e foi considerado o “marco zero” do rock. Phillips, o dono da gravadora, ficou impressionado com a voz de Elvis, comparando-o

a um cantor negro e apostou nisso, tanto que os primeiros singles lançados não tinham uma foto do Rei, isso para que o produto fosse mais bem aceito pelo mercado. Na verdade, havia o temor de que se vissem o rosto de um jovem branco cantando músicas de negros ofendesse a sociedade moralista americana e, por tabela, não chegasse aos negros que poderiam achar que estavam sendo roubados em sua música.

Não demorou para que Elvis se transformasse em sensação em Memphis, com um som que era mistura de blues e country, e que originou o Rockabilly. Ainda nesse começo, as músicas não passavam de versões para clássicos, mas graças à postura de Elvis frente a um microfone, sua voz e ao ineditismo do ritmo, o cantor aos poucos se tornava um sucesso. Devido a essa repercussão, Elvis é convidado a dar uma entrevista, sua primeira como cantor profissional. A canção “Blue Moon Of Kentucky” chega ao primeiro lugar na parada *country* da Billboard na cidade de Memphis e “That’s All Right” atinge o quarto lugar da mesma parada. Já no dia 17 de Julho, ele realiza o seu primeiro espetáculo na cidade de Memphis. Em 2 de Outubro, ele faz seu primeiro espetáculo fora de Memphis, a cidade escolhida foi a capital do Country, Nashville. Em 8 de Outubro, Elvis faz sua primeira apresentação fora do estado do Tennessee, a cidade escolhida é Atlanta na Geórgia.

No dia 16 do mesmo mês, Elvis tem provavelmente o seu primeiro grande momento na carreira, ele realiza na cidade de Shreveport, no estado da Louisiana, um espetáculo que era transmitido pela rádio local de enorme sucesso na época chamado “Louisiana Hayride”, onde foi recebido de forma bastante entusiasmada pela plateia. O ano de 1955 pode ser avaliado como a gênese do sucesso nacional de Elvis, além das inúmeras polêmicas em torno das suas apresentações por causa de suas performances em programas de rádio e algumas apresentações em programas locais de televisão, onde ele se destaca. As suas canções começam a fazer sucesso nacionalmente, “Mystery Train” chega ao 11º lugar na parada nacional country da Billboard, “Baby, Let’s Play House” atinge o 5º posto na mesma parada, até culminar com a primeira canção “número um” nos charts nacionais, canção denominada “I Forgot To Remember To Forget”.

Esse sucesso atraiu o interesse das grandes gravadoras e em particular do Coronel Tom Parker. Parker, vendo todo o potencial de Elvis e sabendo que Sam Phillips não poderia bancar este sucesso, faz um acordo entre a Sun Records (gravadora de Phillips) e a RCA, tornando-se empresário de Elvis. O passe do cantor foi avaliado em apenas 35 mil dólares, uma fortuna para a época, no entanto muito

pouco se comparado aos lucros posteriores. Com isso, em 1955, Elvis passa a ser um contratado da RCA, uma das maiores gravadoras americanas na época.

Apesar dos múltiplos rumores, dos quais o próprio Elvis fora sabedor, apenas nos anos 1980 revelou-se publicamente o verdadeiro nome e nacionalidade do Coronel Parker, que tinha título-honorário e seu verdadeiro nome era Andreas Cornelius van Kuijk, oriundo da Holanda e nascido em 1909, encontrando-se ilegalmente no país, explicando-se assim o porquê dele nunca permitir que Elvis, ao alcançar fama internacional através da restrita mídia da época, tenha feito apresentações no estrangeiro, pois Parker temia sair do país e não poder mais entrar. A biografia de Parker é enormemente polêmica, controvertida e ambivalente, assim como sua função empresarial.

Em 1956, Elvis tornou-se uma sensação internacional. Com um som e estilo que sintetizavam suas diversas influências, ameaçava a sociedade conservadora e repressiva da época e desafiou os preconceitos múltiplos daquele tempo. O preço do pioneirismo transformador, entretanto, foi alto. Elvis foi implacavelmente combatido pelos múltiplos segmentos reacionários de seu país e por todas as etnias. Os brancos, preconceituosos burgueses representantes da classe dominante achavam-no vulgar, enquanto representante de uma estética popular, cuja interface negra – o rock, “filho” também do R&B – era uma música de negros e para negros e por isso, considerada “menor” por aquele grupo dominante. Já os negros, achavam que por ser uma música de origem negra, nenhum branco deveria representá-la e divulgá-la, principalmente para um faturamento que sempre lhes fora negado.

*O primeiro grito negro cortou os céus americanos como uma espécie de sonar, talvez a única maneira de fazer o reconhecimento do ambiente novo e hostil que o cercava. À medida que o escravo afundava na cultura local - representada, no plano musical, pela tradição européia – o grito ia se alterando, assumia novas formas. (MUGGIATI, 1985, p. 8)*

Elvis foi perseguido e tornou-se vítima de muitos preconceitos por contrariar a um sistema estabelecido e até mesmo por ter origens humildes, um “caipira sulista”, fato pelo qual ele sempre foi discriminado. Críticos importantes defendem que somente o seu talento e perseverança o mantiveram “vivo” até os dias atuais e que a descrição de que ele só fez sucesso por possuir uma aparência de

certa forma agradável, não é mais considerada como uma versão admissível pelos biógrafos sérios e historiadores daquela época e da música. O cantor superou as adversidades, ainda que a pecha da vulgaridade tenha permanecido no seio dos segmentos mais ostensivos às camadas mais populares (“Elvis The pelvis”). Tornou-se - “O Rei da Guitarra Elétrica” – lembram os estudiosos de sua obra, título outorgado primeiramente pela revista *Variety*. Até os dias atuais, Elvis é lembrado como um dos maiores nomes da música em todos os tempos, Elvis fundou uma nova era e estética em música e cultura populares, consideradas, hoje, “cults” e primordiais, mundialmente. Suas canções e álbuns transformam-se em enormes sucessos e alavancaram vendas recordes em todo o mundo. Elvis tornou-se o primeiro “mega star” da música popular, inclusive em termos de marketing. Muitos postulam que essa revolução chamada rock, da qual Elvis foi emblemático, teria sido a última grande revolução cultural do século XX; já que, as bandas, cantores e compositores que surgiram nas décadas seguintes foram influenciados, de alguma maneira, direta ou indiretamente por Elvis.

Com sua voz e o ritmo diferenciados que misturou o Blues e o Country - Rockabilly- “ *síntese da música blues e country que deu origem ao chamado ‘rockabilly’ (...)* uma criação de Elvis Presley, que combinou o estilo vocal rouco e emocionado e a ênfase no ‘feeling’ rítmico do blues...” (Friedlander, 2002, p. 70) inicia-se a escalada ao sucesso e sua afirmação como o maior nome da música mundial. A sensualidade presente na voz rouca e na sua maneira de dançar, que transformaram Elvis numa superestrela do rock, tornou-o um exemplo clássico da influência negra sobre a sociedade branca norte-americana – aspectos para os quais Chacon (1985) chama a atenção. Elvis nunca deixou de estar em evidência mesmo em épocas de decadência física e emocional. Sua música nunca deixou de atrair milhares de pessoas por todo o mundo. “ *Elvis superou sua própria lenda*”- Editorial do Jornal “The New York Times”( janeiro de 1973). No final de 1957, um show realizado no Pan Pacific de Los Angeles foi considerado um dos maiores momentos da carreira de Elvis, devido a sua sensual e arrebatadora apresentação, que foi considerada escandalosa e provocativa pelos puritanos da época. Neste mesmo ano, o Elvis realiza um de seus grandes sonhos comprando a mansão de Graceland, em Memphis, onde viveria até o final de sua vida, pois, embora tivesse outras propriedades, era ali que considerava como sua “casa”.

Elvis realizou uma única vez shows fora do país, no Canadá em abril de 1957. Os cinco espetáculos apresentados abalaram aquele país.

Em 1958, Elvis foi para o exército, uma convocação real, facilmente descartável, porém aproveitada comercialmente por seu empresário para expandir sua faixa de público. Transferido, permaneceu na Alemanha de outubro de 1958 até março de 1960. Em agosto de 1958, o falecimento de sua mãe transformar-se-ia no marco mais dramático de sua vida. Elvis jamais voltaria a ser o mesmo no quesito pessoal. Ironicamente, nesse momento, Elvis é o maior ídolo mundial de todos os tempos. No ano seguinte, o cantor conhece Priscila Beaulieu, filha do capitão Joseph Beaulieu, que havia sido transferido para a base de Weisbaden na Alemanha. Os dois se conheceram através de um amigo em comum. Priscila tinha 14 anos e meio e Elvis quase 25. Foi amor à primeira vista. Priscila possuía tudo que o cantor idealizara numa mulher, inclusive maturidade. Ela foi capaz de restabelecer-lhe a alegria que havia perdido com o falecimento de sua mãe.

Namoraram durante um ano, e em 1960, Elvis deu baixa em seu serviço ao Exército americano, retornando aos EUA. O relacionamento continuou por telefone, cartas e duas visitas de Priscila aos EUA, quando definitivamente mudou-se para Graceland em 1962.

Após seu retorno da Alemanha, Elvis surpreendeu o mundo ao aceitar o convite para participar do programa de Frank Sinatra, “The Frank Sinatra Show – The Timex Special”, realizando uma de suas melhores performances televisivas. Selou, a partir de então, uma relação de cordialidade com seu anfitrião e com Sammy Davis, que perduraria ao longo de sua vida. O programa bateu todos os recordes de audiência do ano, inserindo Elvis em um nova faixa de público e apresentado pela “Rat Pack”, naquele momento, contava com grande prestígio, razão pela qual o empresário Tom Parker o garimpara. No cinema, Elvis Presley contou com a sensível direção do veterano Don Siegel no filme *Flaming Star*, um novo reconhecimento da crítica, virando um de seus mais bem sucedidos filmes em qualidade. No mesmo ano de 1960, Elvis novamente surpreende e lança um álbum gospel, contrariando o seu empresário e os proprietários da gravadora que não viam com bons olhos um trabalho nesse gênero musical. Entretanto, seguindo seu instinto e, de certa forma querendo homenagear sua mãe, ele participa de toda a parte de produção e, no final do ano, o álbum é lançado, tornando-se um grande sucesso de público e crítica. Já em 1961, Elvis realizou shows em Memphis e no Hawaii com grande sucesso de crítica e público. O show havaiano, beneficente, concorda seus seguidores mais iniciados e alguns críticos, tornou-se emblemático de apresentações clássicas do gênero, no show-business. No mesmo ano, Elvis foi homenageado com o “Dia Elvis Presley”,

tanto na cidade de Memphis como no estado do Tennessee. Elvis provava que sua ida ao Exército e o fim da década de 50 não abalaria seu sucesso e que alguns de seus álbuns na década de 60 tornariam-se clássicos, sendo avaliados como alguns dos melhores de sua carreira.

No período de 1960 até 1965, os seus filmes são um grande sucesso de público no mundo inteiro. Alguns críticos mais generosos, ainda que implacáveis acerca da qualidade duvidosa das películas, clamavam por melhores oportunidades e personagens para Elvis Presley que, entretanto, envolvido em uma ciranda mercadológica, não se dispunha a aprender o ofício e frequentar Escolas de Artes Cênicas confiáveis para aprimorar-se no ofício. Mesmo assim sua versatilidade esteve presente e atuou em vários gêneros, sendo elogiado por algumas de suas performances, mesmo os roteiros não sendo avaliados como satisfatórios, porém, ele fazia a sua parte com méritos. Entre os gêneros apresentados em seus filmes podem ser destacados, “musical”, “faroeste”, “drama” e “comédia”. Os maiores e melhores destaques nesse período foram, *Flaming Star* (1960), *Wild In The Country* (1961), *Follow That Dream* (1962), *Kid Galahad* (1962), *Fun in Acapulco* (1963), *Viva Las Vegas* (1964), *Roustabout* (1964). A partir de 1965 seus filmes e trilhas-sonoras perderam qualidade drasticamente, configurando período de grande alienação e tédio pessoal para o artista. Durante as filmagens de “*Viva Las Vegas*”, em 1963, os protagonistas, Elvis e Ann-Margret, sueca de beleza estonteante, apaixonaram-se intensamente; o que legou bons resultados ao produto final, e muita especulação na mídia. O filme “*Viva Las Vegas*” é considerado um de seus melhores momentos no cinema, sendo muito elogiado até os dias atuais.

No dia 27 de agosto de 1965, Elvis e a banda inglesa *The Beatles* encontraram-se na casa do rei. A única imagem que comprova o encontro de Elvis e *Beatles* é uma foto em que John Lennon aparece saindo da casa de Elvis. No documentário “*The Beatles Anthology*”, de 1996, os ex-beatles Paul McCartney, George Harrison e Ringo Starr, confirmaram jamais terem tocado com Elvis e que somente John Lennon o fizera. No mesmo documentário, Ringo, comentou ter jogado futebol com Elvis.

Apesar da fase de pouca qualidade em seus filmes e respectivas trilhas-sonoras, o ano de 1967 seria lembrado pelo lançamento do disco que seria considerado um “divisor de águas” na carreira de Elvis, o gospel *How Great Thou Art* decorrente de radical mudança em sua produção musical. O álbum surpreendeu o mundo, transformando-se em um grande sucesso de crítica e público, posteriormente

sendo agraciado com um honroso Grammy. Bem produzido e com peças esmeradas, Elvis Presley dera indícios de sua vitalidade e criatividade, em franca ascensão e plena maturidade musical. Iniciou-se assim um tempo de bons arranjos e melhor seleção musical ocorrendo profundas mudanças em seus tons e na tessitura vocal e. Gradativamente, a própria extensão seria privilegiada com comprometimento da afinação. No mesmo ano, Elvis Presley finalmente casou-se com Priscilla Beaulieu já residente em Graceland, Memphis, desde meados da década. O matrimônio foi realizado na cidade de Las Vegas. Nesse período, entre 1967 e 1968, foram lançados alguns compactos muito elogiados, devido as sessões de gravação ocorridas ainda em 1966, onde o repertório foi sendo aprimorado qualitativamente, gerando além do álbum “How Great Thou Art” outras canções de bom nível como “Indescribably Blue”, “I’ll Remember You” e “If Every Day Was Like Christmas”. O mesmo pode ser percebido em 1967 em canções como “Suppose”, “Guitar Man”, “Big Boss Man”, “Singing Tree”, “Mine”, “You’ll Never Walk Alone”. Nesse período Elvis realiza várias sessões caseiras onde ele interpreta várias canções de vários estilos e épocas distintas mostrando um talento intuitivo e natural, no entanto, essas gravações só caíram no conhecimento do público, em sua grande maioria, no final da década de 90. Em 1 de fevereiro de 1968 nasce a sua primeira e única filha Lisa Marie Presley.

Em 28, 29 e 30 de Junho de 1968 começou a gravação de um especial para o Natal que seria lançado em dezembro. Elvis Presley apresentou-se nacionalmente para a televisão dos EUA em “Elvis NBC TV Special” um mega-programa que, posteriormente, seria considerado o primeiro acústico da história. Em performance considerada até os dias atuais como magistral, Presley foi aclamado pelo público e crítica especializada. Tom Parker, empresário do artista, vislumbrara um programa piegas, tradicional e conservador, no entanto, devido a grande empatia estabelecida entre Presley e o então jovem produtor Steve Binder realizou-se um espetáculo contundente e ousado inclusive com cenas interditas pela “Censura Federal” daqueles idos. Neste especial que foi ao ar poucos meses depois da morte de Martin Luther King assassinado em abril na cidade de Memphis e por isso mesmo no auge do racismo, Elvis apareceu ao lado do grupo vocal chamado “The Blossoms”, grupo que era composto por três mulheres negras (Fanita James, Jean King, Darlene Love) no horário nobre, fato que causou uma grande polêmica. Um trabalho reconhecidamente antológico e pioneiro. Foram apresentadas clássicas dos anos 50, algumas canções da década de 60 e ainda outras inéditas. “Tiger Man” (lançada no disco Elvis Sings Flaming Star), “Baby, What You Want Me To Do”, “Up Above My Head”, “Nothingville”, “If I Can Dream”, “Memories” e “Saved”, estiveram no roteiro de um programa dividido

em sets entre “jam sessions” eletrizantes e performances clássicas em cenários monumentais e arranjos grandiosos , elaborados pela competente orquestra da NBC.

No ano de 1969, Elvis retornou aos palcos em Las Vegas ,após 8 anos de afastamento voluntário do contato direto com o público,onde realizou várias temporadas anuais regularmente, aclamadas pela crítica e público. A partir do citado ano Elvis Presley amadureceria sua performance e tornar-se-ia um cantor experiente e com domínio cênico, além de ser avaliado como fantástico , profissional e exuberante pela crítica da época. O ano de 1969 também seria marcado por sessões de gravação muito produtivas e pela escolha de um repertório e equipe musical de grande qualidade. A resposta foi imediata: “Suspicious Minds”, “In the Ghetto” e “Don’t Cry Daddy” tornam-se “big hits” em todo o mundo. Por razões contratuais, concluiu seus últimos filmes de ficção,os quais não despertaram muito interesse nem ao próprio Elvis que se encontrava numa fase nova, reinventado em criatividade, vigor e emoção.

O ano de 1970 denotou um grande amadurecimento cênico e vocal de Elvis Presley, em relação ao anterior.

Neste mesmo ano Elvis surpreendeu o show-business com a realização do documentário That’s The Way It Is, filmado nos meses de julho e agosto, com cenas de estúdio e ao vivo lançado no final do ano nos EUA e no ano seguinte no Brasil. A película foi recebida com sucesso estrondoso, particularmente no Japão onde quebrou recordes de público com filas intermináveis.

Entre 1970 e 1972 Elvis Presley realizou, com enorme êxito, várias turnês pelos EUA e motivado pelo grande sucesso de “That’s The Way It Is”, um novo filme foi idealizado com a intenção de capturar a intimidade e o ritmo frenético do astro e seus fãs. Assim, em 1972 concluiu-se o documentário Elvis on Tour, de concepção bastante moderna para a época, vencedor do Globo de Ouro daquele ano em sua categoria. Também neste mesmo ano Elvis apresentou quatro mega-espetáculos em Nova Iorque no Madison Square Garden. Novos recordes foram quebrados, de público e arrecadação. A imprensa local foi ao delírio com ótimas críticas, como as do “New York Times”: “É lindo por que ele faz o que sabe fazer de melhor. Sexta feira a noite, no Madison Square Garden, foi assim. Ele ficou ali parado, no final, seus braços abertos, a grande capa dourada dando-lhe asas. Um campeão. Único em sua liga.”, ou então, “Como um príncipe de outro Planeta”. Grandes celebridades do “show-business” estiveram presentes aos shows, amplamente noticiados em todo o mundo, inclusive no Brasil. Entre outros, Art Garfunkel, Eric Clapton, John Lennon e David

Bowie, mostraram-se encantados. Em 1972, seu casamento chegaria ao fim, ainda de maneira informal, causando-lhe imenso impacto e progressivo transtorno pessoal. Em janeiro de 1973, ele pede o divórcio definitivo. Ironicamente, Elvis viveu um ano triunfal profissionalmente retornando ao primeiro lugar das paradas mundiais de sucesso com a canção “Burning Love”, mas, infelizmente, desde 1970 seu comportamento autodestrutivo começou a preocupar alguns de seus amigos. Elvis havia engordado bastante (tinha que fazer dietas para apresentar-se em público) e estava usando tantas drogas que chegou ao ponto de não conseguir levantar da cama em certos dias. O depoimento de um amigo constata que “seu corpo não funcionava mais como o de um ser humano normal. (...) Ele era uma farmácia ambulante”. (Friedlander, 2002, p. 75).

Apesar de estar mergulhado em problemas pessoais e de saúde, mas no auge como artista, em 14 de janeiro de 1973 Elvis Presley realizou o primeiro show via satélite do mundo, transmitido ao vivo para muitos países, inclusive para o Brasil pela Rede Tupi e posteriormente para quase todo o planeta. O especial “ Aloha from Hawaii” foi assistido por aproximadamente 1,5 bilhão de telespectadores, número surpreendente para aquela época. Nos Estados Unidos, sucesso estrondoso, foi ao ar em abril de 1973, tendo recebido o seguinte comentário no editorial do jornal The New York Times: “Elvis superou sua própria lenda!” No Brasil, foi ao ar novamente em abril do ano seguinte, 1974, com grande êxito. O álbum duplo inaugural do sistema “quadrafônico”, uma espécie de ancestral do “home theater”, foi imediatamente colocado no mercado atingindo rapidamente o marco de um milhão de cópias vendidas.

Apesar do aumento dos problemas pessoais e uma crescente piora em sua saúde, com o visível aumento de peso, Elvis consegue empolgar em muitos de seus shows a partir de 1974, seus espetáculos foram se transformando, onde era priorizada a qualidade e grandiosidade das canções e sua voz que atingia cada vez mais o seu auge. Após 13 anos ausentes dos palcos de Memphis, sua residência, no ano mencionado acima, Elvis voltou a apresentar-se na cidade, triunfalmente. O show do dia 20 de março foi gravado, garantindo-lhe novo Grammy pela performance de “How Great Thou Art”, um clássico do cancionero religioso.

Ainda no ano de 1974, Elvis voltou a se apresentar no Astrodome, de Houston, estádio monumental, jamais contemplado com tal magnitude de um espetáculo de música popular. Novos recordes foram quebrados, superiores aos próprios, de 1970. Em um segundo show, 44.175 pagantes foram contabilizados, público até então

inimaginável para um concerto de um único artista. Além de Houston, realizou shows históricos em Los Angeles, no mês de maio prestigiado inclusive por artistas e bandas das novas gerações, então no auge, como Led Zeppelin. Uma única sessão de gravação foi realizada no ano seguinte, 1975, quando, no último dia do ano Elvis Presley quebrou novo recorde de público para um artista solo até então apresentando-se para 62 mil pessoas. Elvis realiza shows históricos em sua carreira sendo elogiado por todos, propiciando o seguinte comentário do jornal The New York Times: *“Cada vez mais Presley melhora sua voz atingindo excelentes notas vocais. Ele ainda é o rei nos palcos.”*, referindo-se aos shows de “Uniondale” no condado de Nassau no estado de Nova Iorque.

Muitos afirmam que alguns dos melhores shows de Elvis em toda a carreira foram realizados em 1975. No mesmo período são lançados dois dos melhores álbuns de Elvis na década de 1970, a saber, “Elvis Today” e “Promised Land”. Entretanto, pessoalmente seus percalços se somavam gradativamente. Em 1976, ano em que realizou mais de 100 mega-espetáculos, Elvis voltou a apresentar-se no último dia do ano, na cidade de Pittsburgh reconhecido pela crítica e público como um dos seus últimos grandes espetáculos de qualidade. Elvis Presley subiu aos palcos regularmente, de forma sofrível, ao longo dos seis primeiros meses de 1977 com a saúde visivelmente deteriorada. No mês de junho, teve espetáculos filmados pela rede de televisão CBS, vislumbrando um vindouro mega-especial a ser levado ao ar em cadeia nacional oportunamente.

Essa fase também representou o isolamento de Elvis, que vivia fechado em sua mansão em Graceland. Em 16 de agosto de 1977, seu organismo esgotou-se, e ele morreu no banheiro de sua mansão, com pelo menos dez tipos de drogas circulando pelo seu corpo. George Nickopoulos, médico do cantor, receitava abusivas doses de medicamentos para Elvis, culminando assim na sua morte. O referido médico foi levado ao Tribunal em 1981, acusado de receitar a Elvis um tratamento médico “ultrajante”, mas foi absolvido.

O desenlace ocorreu, possivelmente, no final da manhã. Os fatores predisponentes sistêmicos, os hábitos cotidianos e as circunstâncias que culminaram com a morte de Elvis Presley, são dos pontos mais polêmicos e controvertidos entre seus biografos e fãs. Elvis só foi encontrado morto no horário das duas horas da tarde por sua namorada na época, Ginger Alden. Logo após, o seu corpo foi levado ao hospital “Memorial Batista” e sua morte confirmada.

A morte de Elvis Aaron Presley, causada por colapso fulminante associado à disfunção cardíaca, surpreendeu o mundo, provocando comoção como poucas vezes fora vista em nossa cultura, inclusive no Brasil. Os fãs se aglomeraram em grande número em frente a mansão. As linhas telefônicas de Memphis estavam tão congestionadas que a companhia telefônica pediu aos residentes para não usarem o telefone a não ser em caso de emergência. As floriculturas venderam todas as flores em estoque. O velório aconteceu no dia seguinte onde alguns dos milhares de fãs puderam ver o caixão por aproximadamente 4 horas.

Por volta das 3 da tarde do dia 18, a cerimônia para familiares e amigos foi realizada, com canções gospel sendo cantadas pelos “Stamps” (Grupo vocal gospel) e por Kathy Westmoreland (cantora), ambos fizeram parte do grupo musical de Elvis na década de 70. Após a cerimônia todos foram levados até o cemitério em limusines onde o corpo de Elvis foi enterrado.

Até o final de sua carreira, Elvis Presley emplacou 107 canções de sucesso, o que representa um recorde, pois, os Beatles ocupam o segundo lugar com a marca de 48 canções. Até hoje considerado por muitos o “Rei do Rock”, a importância de Elvis reside no fato de ter sido ele quem solidificou o rock como um estilo de música popular. Para a juventude de sua época, foi o representante da rebeldia, sexualidade e vitalidade.

Depois de seu falecimento, vários acontecimentos tornaram Elvis Presley ainda mais famoso, maravilhoso, desejado. Mais e mais pessoas tornaram-se e ainda tornam-se fãs de sua obra. Posto o ídolo, edificou-se o mito, eterno, fonte inesgotável de idealizações. Seu sucesso foi e ainda é, astronômico! “Elvis Não Morreu”

## Capítulo II – ROCK AND ROLL

### 2. Breve histórico do Rock and roll e a importância de Elvis nessa nova era e estética musical

*"Não dura até Junho!"*

(Revista Variety de 1955 sobre o Rock and Roll)

*"Cada livro sobre rock vem com sua própria definição do termo. Alguns autores utilizam "rock and roll" para denotar a música dos anos 50 e "rock" para representar todos os estilos subseqüentes. Nós utilizamos uma abordagem ligeiramente diferente. A música compreendida neste livro é o "pop/rock". Isto reflete uma natureza dupla: raízes musicais e líricas derivadas da era clássica do rock (rock) e seu status como uma mercadoria produzida sobre pressão para se ajustar a indústria do disco (pop). Os numerosos estilos criados durante os primeiros trinta anos do pop/rock receberam nomes específicos segundo suas raízes, características musicais, conteúdo das letras e a relação com o meio político e cultural que os cercavam. Assim, a música de Chuck Berry, Elvis e outros artistas dos primórdios denomina-se de "rock clássico", enquanto seus descendentes da Bay Área do final dos anos 60 são chamados de artistas de rock de "San Francisco".* (Friedlander, 2006, p.12)

A história do rock começa com milhões de africanos que foram tirados forçadamente de suas aldeias e trazidos para a América como escravos, acabando por influenciar a sociedade norte-americana com a sua musicalidade. Nas colheitas de algodão dos Estados Unidos, os escravos cantavam para celebrar sua espiritualidade e seus ancestrais, e de certa forma expor sua incontida tristeza. Em fins de 1950, nos Estados Unidos, a chamada "geração silenciosa", marcada pelo fim da Segunda Guerra Mundial, viu-se frente a um ritmo desconhecido, originado da sonoridade de um povo marginalizado. *O primeiro grito negro cortou os céus americanos como uma espécie de sonar, talvez a única maneira de fazer o reconhecimento do ambiente novo e hostil que o cercava. À medida que o escravo afundava na cultura local - representada, no plano musical, pela tradição europeia - o grito ia se alterando, assumia novas formas.* (MUGGIATI, 1985, p. 8)

Além do grito negro, o Rock and Roll também teve a influência de cinco gêneros diferentes da música americana. Um deles era Northern Band Rock'n'Roll, uma espécie de versão com guitarra e baixo do som das big bands de Kansas City, cujo maior nome do estilo foi Bill Halley.

Outro gênero foi o New Orleans Dance Blues onde predominavam baladas e o instrumento principal era o piano, no qual se destacou Little Richard e Fats Domino. O Rock também teve influência do Memphis Country Rock, também chamado de *Rockabilly*, música caipira branca tocada com guitarra elétrica do qual o maior representante foi Elvis Presley através da gravadora Sun Records e do Chicago Rhythm and Blues que foi a versão negra do rockabilly, que teve em Chuck Berry e Bo Diddle seus mestres.

*O 'rhythm and blues' é a vertente negra do Rock. É ali que vamos buscar, quase que exclusivamente (e só digo quase por espírito científico), as origens corpóreas do Rock. Reprimidos pela sociedade 'wasp (white, anglo-saxon and protestant)', a mão-de-obra negra, desde os tempos da escravidão, se refugiava na música (os blues) e na dança para dar vazão, pelo corpo, ao protesto que as vias convencionais não permitiam. (CHACON, 1985, p. 24).*

Grupos vocais, sem instrumentos e que usavam só a voz em arranjos maravilhosos, como Frankie Lymon and the Teenagers, também contribuíram nessa miscigenação que deu origem ao Rock'n'Roll.

Nos primeiros anos da década de 1950, os jovens (Os principais atingidos pela revolução sonora do rock'n'roll) se encontravam em meio a disputas entre o capitalismo e o comunismo, e uma valorização do consumismo, da modernização, fruto do progresso científico gerado no pós-guerra.

Nessa época, os jovens, os quais foram rotulados de rebeldes sem causa, começaram a contestar a tradicional sociedade norte-americana e a música firmou-se como canalizador dessas ideias contestatórias diante da insatisfação com o sistema cultural, educacional e político, uma vez que ser jovem até aquele momento significava trabalhar duro e ajudar os pais a sustentar a casa. Para a sociedade de consumo, o adolescente não existia. Não havia músicas ou filmes feitos especialmente para eles, e pais e filhos ouviam o mesmo tipo de música: Tommy Dorsey e Benny Goodman, Nat King Cole, Frank Sinatra, Pat Boone e Perry Como. Nesse momento a sociedade de

consumo percebeu o potencial do filão jovem e aí o Rock explodiu na América. Adolescentes brancos começaram a curtir uma música antes relegada a salões de baile nos bairros negros e pobres.

*...a vibração negra, sua voz grave e rouca, sua sexualidade transparente e seu som pesado agora alimentado pela guitarra elétrica, tudo isso parecia bem mais atrativo a milhões de jovens, inicialmente americanos mas logo por todo o mundo, que pareciam procurar seu próprio estilo de vida. (CHACON, 1985, p. 25)*

Em meados dos anos 1950, na onda das vibrações que vinham do gueto negro, aparece Elvis Presley com uma voz potente, uma dança desconcertante e sexy que, para espanto geral, era branco. Nascia o primeiro pop star do planeta, o rei do rock.

Conforme explica Chacon (1985), *“só um símbolo sexual, devidamente municiado pelos melhores autores e ‘cantando e suando como um negro’ poderia transformar aquele modismo numa verdadeira revolução”*. A sensualidade presente na voz rouca e na sua maneira de dançar, que transformaram Elvis numa superestrela do rock, tornou-o um exemplo clássico da influência negra sobre a sociedade branca norte-americana.

Segundo historiadores, o marco zero do rock teria acontecido em julho de 1954, quando Elvis Presley entrou no Sun Studios, em Memphis, e gravou *“That’s Allright Mamma”*.

Com Elvis, o rock chegou com todo vigor ao público branco. Já não tinha mais volta. A semente da rebeldia estava ali, e uma música poderosa, capaz de mudar comportamentos e influenciar gerações, também. O rock and roll surgiu na América como um movimento da contracultura, visto que suas primeiras manifestações eram contrárias aos valores até então veiculados. MUGGIATI traz: *“(...) figuravam convites à dança e ao amor (não necessariamente ao casamento), descrições de carros e de garotas, histórias de colégio e dramas da adolescência...”* (MUGGIATI, 1985, p. 19-20)

O Rock and Roll serviu como espelho de mudanças e tendências. Ninguém deixou de ser racista por ouvir música oriunda de escravos negros cantada por um branco, porém, o simples fato de Elvis aparecer em cadeia nacional, rebolando os quadris e celebrando uma cultura marginal, mostrava que o país estava mudando. A

sociedade norte americana demorou para aceitar aquele branco cantando e dançando como negro. A tarefa de Elvis não foi nada fácil, em suas primeiras apresentações televisivas, ele foi filmado só da cintura para cima para que não se visse os quadris rebolando. Elvis dizia que o que ele fazia não era novidade e dizia: “Os *negros vêm cantando e dançando dessa forma há muito tempo*”.

Em fins de 1950, o rock’n’roll já se apresentava como um produto inserido no sistema cultural. A postura de diversos setores da sociedade havia mudado em relação ao rock: se antes ele era maldito, condenado pelos setores mais conservadores, agora já fazia parte dos valores da sociedade em geral. Nessa época, o gênero sofreu um “esvaziamento”, provocado pela intensa comercialização dos discos de rock’n’roll e a divulgação de ritmos dançantes.

Por volta de 1960, um novo personagem surge no cenário do rock, movido pelo ideal de revolução e por forte sentimento político: Bob Dylan. A música de Dylan se encaixa em um novo “modelo” de rock que surgia no começo da década de 60: a canção de protesto. Junto a Joan Baez, uma cantora de ascendência mexicana, Dylan se tornou o porta-voz da juventude pela liberdade, contra a guerra do Vietnã e o preconceito racial. Paralelamente à música de Dylan, o movimento beatnik também movimentava a América, inclusive influenciando na composição das músicas e na postura dos jovens da época. A expressão beat, segundo Mugiatti (1985, p. 61), poderia representar “batida”, “ritmo” ou também “derrotado”, “cansado”, enquanto que nik relacionava-se a “esquerdismo”, “rebelião”. Jack Kerouac e Allen Ginsberg foram importantes representantes da estética beat.

No entanto, a influência de Bob Dylan (vaiado no Festival de Newport por se apresentar ao som de guitarra elétrica) e Joan Baez foi se dissolvendo a partir de 1965, como explica Chacon 1985, p. 85

*...parece ter sido o ano da virada. O burburinho que vinha se formando no início da década, seja no sentido Rock, seja num sentido mais amplo, tomou contornos rápidos a partir daquele ano e tornou São Francisco a nova capital do mundo juvenil.*

Na década de 1960, movidos pelo slogan “paz e amor”, jovens que se entregaram à ideologia do pacifismo, do amor livre e das “viagens” de LSD representaram um movimento importante para a contracultura: “o movimento hippie vai construir suas comunidades em meio a um clima astrológico que previa (...)o advento

de um novo mundo”(CHACON, 1985, p. 63). Eles esperavam pela “Era de Aquário” em meio à busca pelo prazer: “... não havia lugar para a injustiça social, a degradação da natureza e a opressão humana.”(MUGGIATI, 1985, p. 41).

Os jovens continuavam procurando novos sons e formas de expressar seus anseios. Em 65, surge, na Califórnia o The Doors, liderado pelo gênio alucinado de Jim Morrison. Nessa época, as drogas eram comuns no rock e Morrison foi um voraz consumidor, que acabou morrendo de overdose, aos 27 anos, em Paris.

Neste contexto, acontece o Festival de Monterey, em 1967, quando surge uma nova estrela, Janis Joplin, que teria seu nome gravado na história do rock. Sua voz rouca de e sua interpretação nos palcos a tornaram uma das cantoras mais sensuais de todos os tempos. Uma de suas frases confirma essa característica mas também demonstra a sua dor ao lidar com as pressões da carreira: *“Faço amor no palco com 25 mil pessoas e depois vou para casa sozinha”* (MUGGIATI, 1985, p. 13).

Outro importante artista que deixou seu nome marcado como um dos maiores guitarristas de rock foi Jimi Hendrix. Influência para muitos outros que vieram nas décadas seguintes, Hendrix inaugurou o virtuosismo nas canções de rock, o uso de tecnologia para a distorção de sons, apresentações de contorcionismos com a guitarra e o visual extravagante foram marcas registradas deste astro do rock.

No ano de 1969, mais precisamente de 15 a 17 de agosto, meio milhão de pessoas se reuniram para celebrar a paz e o amor no festival de Woodstock. Sem policiais ou chuveiros para atrapalhar, foram três dias de lama, drogas e muito rock’n’roll, ao som de The Who, Jimi Hendrix, Santana, Joe Cocker, Creedence Clearwater Revival, Janis Joplin, Grateful Dead e muitos outros.

Do outro lado do Atlântico, na primeira metade da década, vinha a chamada invasão britânica, que tomou conta das paradas americanas. Grupos que, influenciados pela música negra americana, agora compunham as próprias canções, com refrão fácil, letras elaboradas e que agradavam em cheio ao público jovem, alvo da indústria fonográfica pós-Elvis. Daí, vieram The Kinks, Animals, The Who, The Faces, Rolling Stones e Beatles. The Beatles chegaram para sacudir o mundo, estabelecer de vez a cultura pop e fazer da música uma verdadeira revolução. Jovens e bonitos, logo conquistaram as mocinhas.

Nessa época, outra banda iria estabelecer novos padrões para o rock. Agora, com uma atitude mais rebelde e agressiva e com um som mais pesado, com raízes no blues: os Rolling Stones. Numa jogada de marketing, a trupe de Mick Jagger era o oposto dos Beatles, nada de terninhos e sorrisos para a platéia, os Stones eram durões e encarnavam a rebeldia.

*O repertório dos Rolling Stones é um verdadeiro 'erotikon' e, se o grande tema de suas canções é a alienação, o assunto certamente é sexo. Não foi por acaso que um de seus maiores sucessos, a música que marcou seu estilo, se chamou '(I can't get no) Satisfaction', comentário cáustico sobre a impotência do homem moderno. Nos concertos, Mick Jagger costuma rebolar com a malícia de um travesti e manipula o microfone fálico com mil insinuações. (MUGGIATI, 1985, p. 94)*

A década de 1970 estourou alguns movimentos que já estavam em prática nos anos 1960. Um deles foi o chamado rock progressivo, que tinha composições de até 15 minutos, muitas vezes se aproximando da música erudita. Uma das contribuições do progressivo foi a composição de “poemas tonais” para o rock, em climas sombrios, de pesadelo. Essa caracterização mais intimista para as canções contrastava com o clima de celebração do rock dos anos 60 (psicodelia). Bandas, como Genesis e Jethro Tull surgiram nesta época, inserindo-se no contexto das experimentações sonoras. ...o Rock parecia dominado pelo seu lado intelectual, pelo progressivo, pelo acadêmico, pelo auditivo. Não se deixara de dançar, mas sentar diante do aparelho de som e ESCUTAR tornara-se algo tão comum que o percentual de rockeiros dançantes diminuía se comparado com o da época do rock'n'roll. (CHACON, 1985, p. 44)

A banda mais famosa dessa época foi a Pink Floyd que no começo tinha como letrista e guitarrista Syd Barret, que logo foi afastado por causa das drogas. O Pink Floyd ficou famoso com álbuns como The Dark Side of The Moon e The Wall. Numa onda mais progressiva e menos pop, estavam bandas como King Crimson, Emerson Lake and Palmer, Yes e Love.

Com um estilo completamente diferente, no qual tocar não era o mais importante e sim a atitude e a energia que se colocavam na música, estavam os Stooges de Iggy Pop, que já traziam a semente do punk. Iggy Pop era o anti-herói do rock: franzino e mal-encarado. Xingava a platéia e cortava-se todo no palco, ficando

coberto de sangue. As drogas estavam lá, claro. E pesadas. A banda formou-se em 1967, em Michigan.

O chamado heavy metal, ou sua quase alma gêmea, o hard rock, foram uma vertente do Rock dos anos 1970. Roupas de couro pretas, cheias de tachinhas, cabelos compridos e guitarristas metidos a semideuses, faziam o visual. Muitas bandas exploravam o tema do satanismo, o que arregimentava uma legião de fãs adolescentes. Foi daí que surgiram o Black Sabbath, de Ozzy Osbourne, Judas Priest, Scorpions, Iron Maiden, Kiss, Alice Cooper, AC/DC e muitos outros. Led Zeppelin também fazia parte desse movimento, porém, com um pouco mais de poesia.

Paralelamente ao metal, surgia um Rock glamuroso em que a androginia era parte do visual, carregavam-se na maquiagem, plumas e paetês, momento em que aparece David Bowie, que lançou o personagem Ziggy Stardust virando uma lenda da música pop e Alice Cooper. Dessa leva glam, também vem o excêntrico Roxy Music, de Brian Ferry e Brian Eno; o T-Rex, de Marc Bolan, e os alucinados rapazes do New York Dolls, que se vestiam de mulher e tocavam como loucos.

*Em outras palavras, algo como um rock de plumas e paetês em que os músicos apareciam fortemente maquilados ou até mesmo travestidos. Em Alice Cooper, o lado sexual era mais um recurso para agredir o público, pois Alice (nascido Vincent Furnier, filho de pastor) era 'cria' de Frank Zappa, o pai espiritual dos freaks de todo o mundo... (MUGGIATI, 1985, p. 67-68)*

Apesar de não se encaixarem especificamente neste gênero, os grupos ingleses Queen e Judas Priest, formados em 1970, eram adeptos do visual extravagante, aliando-o a uma pesada sonoridade.

Liderado por Fred Mercury, o Queen utilizava experimentações vocais e instrumentais em suas composições. A clássica Bohemian Rhapsody é mais um exemplo da influência da música erudita no heavy metal, verificado na introdução e nas vocalizações desta música. Bohemian Rhapsody se tornou no maior clássico da banda. Esta era a época dos grandes concertos de rock e o Queen não fugia à regra; Fred Mercury desempenhava seu papel de frontman de maneira eficiente, devido ao seu carisma com o público. A partir de 1980, a banda acrescenta instrumentos eletrônicos e começa a se influenciar pela dance music, que se tornaria uma febre nesta década.

Na Inglaterra, em meados de 1970, Malcom Maclaren, que já tinha sido empresário dos Dolls e era dono de uma loja de roupas que mais parecia um sex shop, forma a banda que seria um dos maiores fenômenos da história do rock: os Sex Pistols. Estava criada a base do movimento punk. Logo, camisetas rasgadas, alfinetes de segurança, cabelos coloridos, arrepiados ou ao estilo índio moicano eram a moda dos rebeldes londrinos. Os shows dos Pistols eram uma loucura, assim como as performances do vocalista Jonhhy Rotten.

”A agressividade, marca inconfundível do movimento punk em todo o mundo, além de inspirar a maior parte de suas letras e assinalar o estilo de suas musicas, também determinou o gênero de roupas que se originou a partir dele. O mesmo gênero que seria expropriado, na disseminação de modelos idênticos, pela indústria do vestuário”. (Corrêa 1989, p.103)

Com os Pistols, outras bandas punks apareceram. E a partir do ano do surgimento da Punk, nos EUA, a banda que sintetizaria o movimento, também despontou no cenário norte-americano, os Ramones, que formou-se em 1974, em Nova York, quando as “canções de dois minutos e meio” de Joey (vocal), Johnny (guitarra) e Dee Dee (baixo) começaram a chamar atenção na emergente cena punk.

A denominação “Ramones” veio do baixista DeeDee, a partir de uma referência a Paul McCartney, que nos primeiros anos da carreira dos Beatles, usava o codinome “Ramon”. O mesmo costume foi adotado para os integrantes da banda, que recebiam o sobrenome Ramone.

Nos anos 1980, os Ramones tentaram maior apelo comercial com o lançamento de End of the Century e Pleasant Dreams, mas essa tentativa mostrou-se ilusória. A energia dos anos 70 voltou no disco lançado em 1984, Too Tough to Die, O baterista Marky Ramone havia deixado o grupo nesta época, sendo substituído por Richie Ramone, mas em 1987, Marky retornou ao grupo.

Em 1989, os Ramones ganham grande exposição com a música Pet Semetary, trilha sonora de um filme de Stephen King. No entanto, essa mesma época marca uma das substituições mais significativas da banda: Dee Dee Ramone, o “punk mais verdadeiro” do grupo, sai para tocar com o Chinese Dragons. Em seu lugar, entrou C. J. Ramone; essa substituição trouxe uma “energia juvenil” ao som da banda, mas a saída de Dee Dee foi muito sentida pelos fãs e pelos próprios integrantes do Ramones.

Nos anos 1990, a presença do Ramones no cenário do rock, assim como do punk rock em geral, foi sendo subjugada pela exposição de grupos representantes de outros estilos. O derradeiro álbum, *Adios Amigos*, é de 1995.

O Ramones foi fundamental para definir os contornos do punk rock e seus descendentes, constituindo referência para vários grupos que despontaram no cenário do rock nas últimas décadas. Em 15 de abril de 2001, Joey Ramone morre em um quarto de hospital, depois de seis anos com um câncer linfático. Sua morte representou uma perda irreparável para o rock em geral.

A geração dos anos 1980 chegou cheia de melancolia, com uma rebeldia mais triste, sombria e solitária. Nas letras, muitas vezes niilistas, um lirismo que representava muito bem o sentimento dos jovens da época. Era o pós-punk. De Liverpool, vinha o Echo and The Bunnymen, e de Manchester, o Joy Division, com toda a tristeza do vocalista Ian Curtis, que se enforca, aos 22 anos de idade. O resto da banda formaria o New Order. Darks e góticos também eram bem representados pelo Sister of Mercy, The Mission, The Cult Bauhaus.

Ao contrário dos góticos, os new wave chegaram e queriam fazer música divertida e para dançar. Com roupas coloridas, gel no cabelo e muita alegria, como o B'52 e o Talking Heads, de David Byrne. As três bandas mais famosas nos anos 80 foram The Cure, The Smiths e U2. A Cure tinha visual dark, só usava roupa preta, batons escuros, maquiagem e cabelos arrepiados. Era liderada por Robert Smith. The Smiths, considerada por muitos como a melhor banda dos 80, apostava no lirismo das letras de Morrissey e nas guitarras de Jonhny Marr. Os irlandeses da U2 desde o começo traziam uma preocupação política nas letras como em *Sunday Blood Sunday*.

Na Califórnia, a Red Hot Chilli Peppers começam a estourar em 1989, com um som pesado, às vezes misturado com hip hop, porém, o grande movimento da década vinha de Seattle, com garotos que não estavam nem aí para o visual, vestiam jeans rasgado, camisas de flanela quadriculada e faziam um som alternativo, em pequenos clubes e bares da cidade. O que parecia um movimento underground isolado, em pouco tempo, vira o mainstream, quando a pequena gravadora subpop lança, em 1989, o primeiro disco de uns garotos que estavam começando.

O disco era *Bleach*, e os garotos eram o Nirvana. Em menos de dois anos, a banda liderada por Kurt Cobain sai de Seattle para o mundo e, em 91, lançam o álbum mais importante da década: *Nerve Mind*. O grunge explode e vira moda e atitude para

milhões de adolescentes. O movimento contava também com Pearl Jam, Mudhoney, Soundgarden e Alice in Chains, todas de Seattle. A geração de 90 elegeu Kurt Cobain seu ídolo e já tinha o seu som garantido. A década de 90 também abriga o britpop, que vem da Inglaterra e abarca grupos bastante distintos, como o polêmico Oasis, dos irmãos Gallagher, o Blur, de Damon Albarn, o cultuado Radiohead, de Thom Yorke, o Pulp, de Jarvis Cocker, e o Suede.

Neste novo milênio, uma volta aos anos 1960 com bandas que fazem um som , alegre, adolescente, como os escoceses do Belle and Sebastian, que até já fez escola, com seguidores como Looper, Salako e Gentle Waves. Outra vertente engloba o pop rock açucarado do Travis, Coldplay e Starsailor, paralelamente os americanos Strokes e White Stripes e os suecos The Hives conservam o vigor do Rock and Roll.

## Capítulo III – MÍDIA X MITO

### 3. A influência da mídia na construção de um mito

*“Os mitos estão perto do inconsciente coletivo e por isso são infinitos na sua revelação”. (Joseph Campbell)*

*“O culto ao rei Elvis Presley está tomando proporções inacreditáveis. Em seu nome estão sendo fundadas seitas e uma nova versão do testamento circula com Elvis. A peregrinação não é só mental. Imitadores têm se submetido a cirurgias plásticas para se transformar em cópias do ídolo. O rei do rock and roll morreu em 16 de agosto de 1977. Mas este não é o final da história – a morte de Elvis Aaron Presley, na verdade, representou mais um grande passo na sua gloriosa carreira. Como acontecia com os faraós, Elvis deixou de ser rei para tornar-se uma divindade, um santo adorado pelos fãs de todo o planeta – e com isso conseguir vender mais discos e bugigangas do que quando estava vivo. Quando morreu, seu patrimônio foi avaliado em US\$ 7 milhões. Hoje, os negócios que usam seu nome em vão geram US\$ 300 milhões por ano”. (“No céu com Elvis”. In: Revista Istoé, 12/01/2000).*

O termo mito possui vários significados. Muitas vezes faz referência a uma ideia falsa, outras vezes pode evidenciar uma crença exagerada no talento de alguém ou ainda algo irreal e supersticioso como o “mito do saci-pererê”.

Os grandes ídolos da música pop expõem o fascínio que são capazes de exercer, mesmo depois de mortos, sobre uma legião de admiradores e como conseguem manter um público ávido por qualquer novidade a seu respeito, passando incólumes pelas diversas tendências que a indústria cultural lança todo ano no mercado. Notícias como a exposta acima na Revista Istoé, veiculam e se encarregam de alimentar ainda mais a idolatria a artistas famosos relegando a eles uma posição de deus. A sociedade pós-industrial, através de seus veículos de comunicação de massa, faz com que o indivíduo comum se transforme em alguém notório da noite para o dia. Cria seus heróis e vilões e em caráter que, muitas vezes, beira o sagrado, delega a alguns desses indivíduos o espaço de protagonista de um mito, figuras distintas, que extrapolam seu próprio universo e que, através da morte, alcançam a imortalidade, tal como os Faraós.

Artista e obra são, então, lembrados de geração em geração, entes inseparáveis para os fãs fiéis que aumentam dia após dia.

Por mais comum que seja ouvir em entrevistas de artistas, apregoarem uma autenticidade e uma autonomia nas decisões sobre o que produzir a direção a ser seguida, caso o objetivo de todos eles seja realmente o sucesso, será sempre determinada pela indústria cultural. O artista acaba sendo refém de um exército que inclui empresários, patrocinadores, produtores, diretores, advogados, entre tantos outros, que podem, em um curto período, lançar carreiras tanto ao estrelato quanto ao fracasso e esquecimento. A indústria cultural mostrou-se a maior fonte de mitos da sociedade pós-industrial. O grande guerreiro possuidor de forças sobre-humanas que está acima do bem e do mal. Mesmo os artistas que se caracterizam como independentes proferindo discursos contra o universo da indústria cultural, tal prática será sempre conduzida, de alguma forma, por esta indústria. Esta negação como parte deste processo apenas serve como um elemento a mais na construção da sua trajetória, pois até esse fato não deixará de ser explorado pela indústria cultural.

Posto isso, vejamos o aparecimento, consagração e mitificação de Elvis Presley. O aparecimento do rock and roll coincidiria com um período de efervescência do consumo nos países capitalistas. As letras tristes do blues, populares à época da Depressão, dariam lugar ao convite à diversão, pois agora o que importava para os jovens americanos era isso. Pela primeira vez, muitos adolescentes não tinham mais que trabalhar para ajudar suas famílias. Além da escola, estes jovens tinham poucas responsabilidades e, com a mesada que começaram a receber dos pais, eles adquiriam um poder de compra maior. Empresários americanos, reconhecendo a existência de um novo grupo de consumo, correram para preencher este filão, provendo-o de itens 'essenciais' como roupas, cosméticos, fast food, carros e música. Os adolescentes americanos demonstraram ser um grupo de consumo extremamente maleável gastando seu dinheiro de forma previsível.

Assim como em relação ao blues, a indústria fonográfica logo começou investir em músicos do novo gênero que surgia e imediatamente receberia atenção da juventude, louca por diversão. Fats Domino, Chuck Berry, Little Richards, entre outros, serão os líderes deste movimento musical, que assim como atraíam os jovens, causavam repulsa nos pais conservadores os quais não escondiam a insatisfação diante do sucesso de artistas negros dançando sensualmente para um público formado em sua grande maioria pela juventude branca. A indústria fonográfica, propositalmente, conduziria muitas destas carreiras como se preparasse o terreno para um artista que pudesse ser aceito pelos pais de família incomodados àquela

altura com imagens das simulações de Little Richards fazendo sexo com seu piano. O artista “eleito” foi Elvis Presley.

Elvis um jovem branco e pobre do norte do Mississippi viveu o sonho americano. Num momento ele estava cantando em um show de talentos da escola, no outro estava aparecendo em cadeia nacional de televisão. Num momento, ele estava dedilhando seu violão na lanchonete da escola, noutra estava gravando em Nashville com os melhores músicos que o dinheiro poderia comprar.

A carreira de Elvis foi conduzida de forma a agradar os setores conservadores. Ele manteve a imagem de um jovem de família, sempre aparecendo ao lado dos pais e prestou serviço militar no auge da carreira, numa demonstração (planejada pelo empresário) de patriotismo que serviu para aumentar seus fãs enormemente neste período que saudosos do ídolo, viam-se obrigados a matar as saudades assistindo seus filmes, todos feitos intencionalmente para serem exibidos enquanto o cantor servia na Alemanha. Mesmo com estes cuidados, a ala conservadora da sociedade norte-americana não hesitou em se mostrar incomodada com o rebolado de Elvis, o que obrigaria os canais de televisão a mostrá-lo apenas da cintura para cima. Assim, nascia o primeiro pop star do planeta. Com Elvis, o rock chegou com todo vigor ao público branco e a semente da rebeldia havia sido plantada através da música, mudando comportamentos e influenciando gerações através da indústria cultural.

Como aponta Friedlander (2002), Elvis não era o mais talentoso instrumentista ou compositor, mas ele teve “o momento” e “a equipe”, o que fez toda a diferença. A brilhante capacidade de Tom Parker para divulgação e gerenciamento da carreira de Elvis foi essencial para sua transformação em “Rei do Rock”.

O conceito de indústria cultural, elaborado por Theodor W. Adorno e Max Horkheimer e empregado pela primeira vez no livro *Dialektik der Aufklärung* (Dialética do Esclarecimento), de 1947, foi criado com o intuito de rebater um outro conceito, o de cultura de massas. Para os autores haveria limitações gritantes neste último, que deixava entendido um caráter de espontaneidade às próprias massas, como se elas possuíssem algum domínio ou participação ativa no processo. Em um texto posterior, intitulado “A indústria cultural”, Adorno procura evidenciar esta posição, destacando a impossibilidade das massas desempenharem tal papel, diante da força com que se movem os interesses capitalistas por trás de toda produção cultural. Seria o produto, anteriormente adaptado ao consumo das massas, que passaria agora a determinar este consumo.

Adorno identifica na sociedade pós-industrial um processo de padronização no consumo, onde tudo é engolido pelo caráter da mercadoria. Não é que um disco ou um livro, quando concluídos, transformam-se em mercadoria, eles já nascem mercadorias, sua existência está vinculada exclusivamente a este fato. O termo “indústria” deve ser levado em consideração não apenas em seu sentido literal, mas em seus aspectos relacionados à estandardização e à racionalização das técnicas de distribuição. Cada mercadoria cultural é projetada, elaborada e direcionada a um público específico que a ele chega como uma grande novidade. (1986, p.93)

Em um mundo desordenado a indústria cultural seria vista pelos seus representantes como um importante fator de ordem. Através de produtos que pregam a liberdade e o indivíduo como alguém capaz de adquirir o que deseja, fica estabelecida a vitória do conformismo diante da consciência. Seria a formação de indivíduos autônomos a condição elementar para a constituição de uma sociedade democrática, a indústria cultural se afirma enquanto instrumento das classes dirigentes, que têm como maior desejo justamente manter as multidões sempre condicionadas e, portanto, incapazes de modificar sua realidade. A ordem social se mantém, e todos os gostos, sejam eles no vestuário, no esporte, na música, em qualquer manifestação cultural, já se encontram previamente relacionados a uma decisão vinda de cima. A indústria cultural, através de propagandas nos diversos meios de comunicação tem o poder de transformar o indivíduo em alguém idolatrado e em mito, elaborando situações que o confirmem como tal, usando-as como alicerces fundamentais na construção de sua estrutura mitológica para satisfazer interesses capitalistas.

## Capítulo IV – O ESTRATEGISTA

### 4. O grande responsável pelo sucesso de Elvis

Existem casos na história do rock'n roll em que o empresário de uma banda de sucesso teve uma atuação tão importante que ganhou fama entre os fãs, sendo considerado por muitos como um membro do grupo. O primeiro grande exemplo deste tipo surgiu com Elvis Presley. Seu empresário, coronel Tom Parker, se transformou em um mito, e muito se fala sobre ele até hoje. Figura excêntrica, Parker é considerado um dos grandes responsáveis pelo sucesso de Elvis, que mesmo sem compor suas músicas se transformou em um ícone do rock graças a sua performance.

Quando Parker assumiu oficialmente a carreira de Elvis, ele era apenas um cantor country-western. Embora seu estilo não fosse tradicional e muitos de seus fãs fossem adolescentes, Elvis fazia tours em circuitos country-western e se apresentava com outras estrelas country. Suas gravações foram feitas em quase todas as rádios do país. Se Elvis seguisse o potencial que o coronel viu nele, ele seria exposto a públicos fora do Sul em uma escala muito maior.

Pouco tempo depois assinou o contrato com o "Coronel", que ficava com 20% a 50% dos lucros. Parker traçou um plano de divulgação e uma estratégia de promoção publicitária que envolvia uma superexposição de Elvis na mídia. Apesar de tudo, Elvis nunca saiu do Sul e o público no Norte não estava acostumado às tradições e sons do Sul. A primeira etapa no plano mestre do coronel foi encontrar uma gravadora que desse a Elvis exposição nacional e internacional, optando pela RCA. Na televisão, em 1956, apareceu pelo menos doze vezes em cadeia nacional, mas os censores proibiam que aparecesse da cintura para baixo devido aos requebrados de sua pélvis. Segundo um jornal de Nova York, Elvis "não cantava nada, compensava a imperfeição vocal com uma estranha e francamente sugestiva dança de acasalamento aborígene".

Parker assinou um contrato de merchandising com Beverly Hills filme merchandiser Hank Saperstein por quase 40.000 dólares para transformar Presley em um nome de marca. Com mais de 78 diferentes artigos, de pulseiras para toca-discos, a mercadoria Presley tinha trazido em \$ 22000000 até o final de 1956 . Parker, com a sua participação de 25% dos lucros, encontraria muitas novas maneiras de ganhar dinheiro com seu artista que os gerentes antes dele só poderia ter sonhado. Ele tinha

sempre idéias a frente de seu tempo ganhando dinheiro que outros não teriam conseguido se estivessem gerenciando Elvis.

Para alguns, o empresário carrega a culpa de não permitir que o cantor se apresentasse fora dos EUA, sendo que as únicas vezes em que ele tocou fora do país foram durante cinco shows no Canadá. Porém, mesmo assim transformou Presley num mega star.

Foi idéia do empresário também que Elvis se alistasse ao exército americano. Quando o Serviço Militar ficou confirmado, o Coronel muito rapidamente agilizou muitas gravações inéditas para serem lançadas durante o período, fazendo assim, Elvis continuar atual. O alistamento foi também estratégia de Parker, para transformar Elvis num bom moço e assim abocanhar uma fatia maior de mercado: o público conservador. O pacote foi lançado em forma de compactos simples e LPs em formato de coletânea desses mesmos. Observa-se que naqueles dias, os discos tinham o hábito de reprisar músicas dos compactos, alavancando ainda mais as vendas. Destaque para o Elvis'Golden Records, coletânea de compactos que se transformou em formato pelos anos seguintes, quase que uma série. Também destaque para o compacto Elvis Sails, item raro de colecionador na época, por se tratar da coletânea da entrevista dada por Elvis a Imprensa quando esteve nos USA para o velório de sua mãe.

Enquanto Presley estava servindo na Alemanha, Parker trabalhou duro para manter seu nome no domínio público. Ele percebeu que mantendo o público “com fome” de mais material Presley, ele seria capaz de negociar um contrato melhor com a RCA quando o cantor voltasse do exército. Parker havia organizado tudo antes da partida de Elvis para o exército, fazendo-o gravar cinco singles, garantindo à RCA material suficiente para liberar ao longo de um período de dois anos “Graças à alienação, somos levados a ver o consumo como algo desligado da produção” (Codo 1987, p.44). A RCA queria gravar Presley na Alemanha, mas Parker insistiu que iria arruinar a sua reputação como um soldado regular se ele entrasse em um estúdio de gravação para cantar, pois o intuito era passar ao público que Elvis era um soldado comum como outro qualquer sem nenhum tratamento especial. Várias histórias apareceram na imprensa regularmente sobre Presley, que ele faria uma transmissão ao vivo CCTV quando ele voltasse, que ele tinha assinado um contrato para uma série de espetáculos de televisão anual a ser transmitido em todo o país e muitas outras, porém, todas estas histórias eram mentiras, fazia parte da estratégia de Parker para manter Elvis lembrado pelo seu público .

O cinema também era ponto central na estratégia de Parker. Em 1956, Elvis estreou seu primeiro filme. O título seria *The Reno Brothers*, mas foi alterado para *Love me tender* (no Brasil, *Ama-me com ternura*) para promover a canção de mesmo nome. Depois deste, ocorreu uma enorme sucessão de filmes, de dois a três num mesmo ano. Entre 1956 e 1969, Elvis estreou 31 produções “A partir do momento em que as mercadorias asseguram a vida de seus produtores no mercado, elas já estão contaminadas por essa motivação” (Adorno 1986, p.93). Para Parker, o objetivo desses filmes era simples: vender discos, as trilhas sonoras. Elvis, ao contrário, ambicionava uma carreira séria em Hollywood, algo independente da sua carreira musical. Os produtores, porém, não precisavam de um ator, mas sim do Rei do Rock.

O problema desses filmes é a chamada "Fórmula Elvis", isto é, a maioria dos filmes possuía um enredo muito parecido. Geralmente Elvis era um rapaz pobre, adorado pelas mulheres, envolvia-se em algumas brigas e cantava nas horas vagas. Mudava-se a profissão dos personagens e o cenário, mas o resto permanecia igual “Os promotores da diverção comercializada lavam as mãos que estão dando às massas o que elas querem” (Adorno & Simpson 1986, p. 136). Mesmo assim, alguns filmes merecem destaque por ficarem acima da média como *O Prisioneiro do rock* (*Jailhouse Rock*, 1957), talvez o seu melhor filme; *Balada sangrenta* (*King Creole*, 1958), dirigida por Michael Curtiz, o mesmo de *Casablanca* (1942); *Feitiço havaiano* (*Blue Hawaii*, 1961) e *Amor a toda velocidade* (*Viva Las Vegas*, 1964). Este último é considerado por muitos críticos a melhor interpretação de sua carreira.

Sem fazer turnês e gravando discos e filmes fracos, Elvis queria voltar aos palcos. O retorno foi anunciado com um especial de TV chamado *Elvis '68 Comeback Special*, em que ele voltava às suas raízes roqueiras cantando alguns de seus maiores sucessos. Mostrando-o como um artista maduro, é um dos pontos altos de sua trajetória.

Após o fim de sua carreira como ator, Elvis ainda apareceu em documentários no cinema. O primeiro foi *Elvis era assim* (*That's the way it is*, 1970), registrando a sua volta aos palcos. Em 1972 foi lançado *Elvis triunfal* (*Elvis on tour*), mostrando cenas de bastidores e canções de uma turnê. Em 1973, realiza seu projeto mais ambicioso, a transmissão de um show das ilhas havaianas via satélite, chamado *Elvis: Aloha From Hawaii*. O concerto foi transmitido para o mundo todo e sua audiência superou a da chegada do homem à Lua.

Elvis chegou a receber uma proposta para atuar no filme *Nasce uma estrela* (*A star is born*, 1976), ao lado de Barbra Streisand. Seria o tão sonhado papel sério para dar outro rumo à sua carreira cinematográfica, mas o Coronel Tom Parker vetou o projeto porque o nome de Elvis não seria o primeiro a aparecer nos créditos. Marlon

Brando, Neil Diamond e Mick Jagger foram cogitados para esse papel, que acabou ficando com Kris Kristofferson.

Antes de morrer, em 1977, Elvis vendeu 250 milhões de discos em todo o mundo. Imediatamente após a sua morte, as lojas de disco em todo o país venderam rapidamente todos os discos de Elvis. Uma nova geração descobre a música de Elvis Presley.

Mais importante que os souvenirs, produtos e comemorações é a música de Elvis Presley que foi ofuscada por aspectos mais peculiares do fenômeno gerado desde a sua morte.

Embora Elvis Presley tenha morrido em 1977, o seu nome, a sua música e a sua imagem ainda chamam a atenção do público. O período após sua morte foi marcado por controvérsias, idolatria, ridicularização e comercialismo: policiais discutiram o papel das drogas na sua morte, organizações musicais homenagearam suas conquistas, a mídia ridicularizou os fãs e os exploradores fizeram muito dinheiro com tudo isso. Das manchetes dos jornais até o topo dos prêmios e das homenagens, Elvis continuou a ser notícia. A morte não foi o fim da carreira de Elvis, foi apenas um marco de outra fase. Foi e ainda é usada como estratégia de marketing.

As fábricas de impressão da RCA funcionavam 24 horas por dia para dar conta dos novos pedidos de discos de Elvis que começaram a surgir. Por um tempo, a empresa precisou contratar outras empresas para atender à demanda. Até setembro, a RCA ainda não tinha conseguido cumprir todos os pedidos. Os escritórios e as fábricas da RCA fora dos EUA estavam na mesma situação. Trabalhavam dia e noite. Uma fábrica em Hamburgo, Alemanha Ocidental, produziu somente discos de Elvis para tentar dar conta dos pedidos. Até outubro, as vendas nos EUA foram tão altas que vários discos de Elvis estavam de volta às paradas.

A RCA continuou a lançar os discos de Elvis em uma média de dois ou três por ano. Como na época em que estava vivo, alguns dos discos foram bem recebidos e outros foram criticados por sua baixa qualidade. A estratégia de marketing por trás dos álbuns variava de acordo com a qualidade deles.

Alguns álbuns, como *Guitar Man*, tentaram tirar vantagem de técnicas contemporâneas de gravação para melhorar o som de Elvis. Outros discos, como *He Walks Beside Me -- Favorite Songs of Faith and Inspiration*, tinham materiais lançados anteriormente guardados para outra época. Outros álbuns ainda pareciam ser o resultado da busca da RCA pelas relíquias de qualquer gravação da voz de Elvis.

*Elvis: - Greatest Hits Vol. 4*, por exemplo, tinha trechos lançados anteriormente além do material inédito "ao vivo" de Las Vegas, Hawaii e Nashville.

Em 1983, um produtor musical da RCA encontrou fitas e livros guardados em Graceland, alguns deles com apresentações ao vivo inéditas e conversas de bastidores com Elvis. Dois anos mais tarde, a RCA lançou muito desse material musical em uma caixa com seis discos celebrando o 50º aniversário de Elvis.

A RCA tem sido criticada pelos puristas por modificar as gravações do seu artista mais famoso. Durante anos, a empresa lançou vários discos de Elvis com material antigo para o público mais jovem. *I Was the One* usa instrumentos modernos que foram sobrepostos para acompanhar os vocais. Outros álbuns com gravações originais em mono com estéreo regravado; os historiadores do Rock 'n roll reclamam de qualquer tentativa de melhora ou limpeza; as primeiras gravações de Elvis não mostram a sua contribuição à música popular; pelo contrário, acaba distorcendo.

Uma nova abordagem de marketing e o lançamento da música de Elvis começaram depois que a RCA foi vendida em 1986 ao grupo alemão Bertlesmann Music Group (BMG). Dois anos mais tarde, a BMG criou um comitê internacional de restauração para pesquisar e restaurar o catálogo de gravações de Elvis. Representantes dos EUA, Inglaterra, Alemanha, Dinamarca e Ásia formaram o comitê, que era responsável pela alta qualidade de coletâneas subsequentes da música de Elvis.

O comitê da BMG também pesquisou os números reais de venda dos discos que Elvis vendeu. A Associação das Indústrias de Gravação dos EUA [Recording Industry Association of America (RIAA)] é a organização oficial para quem as empresas reportam as vendas e solicitam os discos de ouro e platina para os artistas. Porém, a RIAA não existia antes de 1958, três anos depois de Elvis já ter vendido milhões de discos.

Embora a RCA tenha dado a Elvis vários discos de ouro internamente por seus hits anteriores a 1958, eles nunca pediram um certificado retroativo desses discos a RIAA. A RCA também raramente solicitava certificação extra quando os discos de Elvis ganhavam disco de ouro ou platina mais de uma vez.

O comitê da BMG usou os arquivos do Coronel Tom Parker para fazer uma pesquisa apurada de quantos discos Elvis vendeu e quais mereciam disco de ouro, platina ou multiplatina. Depois de fazer essa pesquisa, eles calcularam que Elvis vendeu mais de um bilhão de discos em todo o mundo. Em agosto de 1992, o comitê

atualizou os dados dos discos e compactos de Elvis. Como resultado, ele ganhou mais 110 discos de ouro, platina e multiplatina da RIAA - a maior premiação de discos de ouro e platina da história.

Entre as melhores produções recentes da BMG-RCA está Masters Series, que representa os esforços de Ernst Jorgensen' e Roger Semon em não lançar apenas as músicas comerciais de Elvis, mas também aquelas históricas. O trabalho deles percorreu um longo caminho até se focar nos seus triunfos musicais em vez das tragédias da sua vida pessoal ou dos aspectos bizarros da era pós-morte. Só entre 1992 e 1095 foi lançada a série: *Elvis-The King of Rock 'n' Roll - The Complete 50s Masters*, *Elvis: From Nashville to Memphis - The Complete 60s Masters I*, e *Elvis: Walk a Mile in My Shoes - The Complete 70s Masters*. Juntas, essas três caixas de CDs são um documento de áudio fiel da música de Elvis do começo ao fim.

As faixas foram remasterizadas digitalmente a partir das gravações antigas da Sun e da RCA, mas mantiveram a integridade do original. As trocas de vocal e as brincadeiras entre Elvis e os músicos capturam a camaradagem e a espontaneidade das sessões. Como arquivo musical, as Masters Series também incluem os créditos de duração completo da sessão feitos pelos historiadores musicais Peter Guralnick e Dave Marsh.

Separadas, cada caixa sugere algo da carreira de Elvis que explica uma percepção comum. Ao acompanhar a evolução da obra de Elvis de 1954 a 1958, *The Complete 50s Masters* houve prova de que Elvis não roubou o som dos artistas negros de rhythm-and-blues. Ao contrário, as faixas revelam uma mistura de influências que formaram um som comercial que levou ainda mais próximo ao estilo.

*The Complete 60s Masters* mostra que Elvis não abandonou totalmente suas raízes de country, gospel e rhythm-and-blues depois de alcançar o estilo pop - uma acusação muito comum feita pelos críticos musicais. Esse estilo pop suave das trilhas sonoras dos filmes realmente dominou a época, mas as suas gravações em ritmo de blues *Reconsider Baby* e *Such a Night* e sua obra gospel no final da década são declarações da sua herança sulista.

*The Complete 70s Masters* revela que Elvis não foi preguiçoso e não descansou nos louros depois de voltar aos palcos.

Um tratamento mais conciso da carreira de Elvis pode ser encontrado em *Elvis Presley Platinum: A Life in Music*, que mostra a evolução do seu estilo em uma caixa com quatro CDs. *Platinum* tem 100 faixas, 77 delas inéditas. O material inédito

consiste praticamente de tomadas alternativas de clássicos de Elvis ou execuções de várias canções. Porém, também inclui a mais nova demo de 1954, uma descoberta de Elvis cantando 'I'll Never Stand in Your Way.

Este tipo de tratamento cronológico da sua música força os ouvintes a reavaliar a familiaridade e descobrir um contexto para o material inédito. Ao fazer isso, houve uma nova luz sobre a música de Elvis e uma apreciação completa do impacto na sua carreira. Isso vale não só para os jovens, os ouvintes de rock 'n roll e para os críticos de Elvis, mas também para os seus fãs que permaneceram fiéis durante os anos negros de poucos relançamentos.

O quase contínuo lançamento de informações bibliográficas mantém o nome de Elvis na mídia e mantém vivo o fenômeno. Escritores profissionais e pesquisadores publicam livros sobre Elvis quase que periodicamente.

As histórias de que Elvis está vivo e a enorme quantidade de publicidade que rodeia essa situação ajudaram a redesenhar o Elvis histórico em um herói folclórico norte-americano com suas particularidades e significado simbólico. Como um ícone, Elvis Presley pode evocar inúmeras idéias, inclusive rebeldia, sucesso, excesso e a glória e os problemas da fama. Como um herói folclórico, ele inspira casos e histórias exageradas e manipuladas para ilustrar qualquer uma dessas idéias.

Nos anos desde sua morte, Elvis Presley tem sido extremamente homenageado e muito criticado. Em alguns momentos, um símbolo poderoso de revolução, em outras, uma piada nacional, embora sempre lembrado como o Rei do Rock. Porém, sua coroa está intacta, apenas um pouco gasta pelas críticas, pela exploração e pela publicidade. Esse título é adequado porque mostra o tamanho de uma carreira extraordinária e de sua contribuição na música e na cultura norte-americana.

## Capítulo V – LOVE ME TENDER

### 5. A devoção incondicional ao mito

*“Amor de fã é um amor que nunca será recíproco. É amar alguém que faz parte da sua vida, sabendo que você nunca fará parte da vida desta pessoa. É o extremo do amor não recíproco, o excesso do amar sem pedir nada em troca. O ápice da iconofagia amorosa de se alimentar apenas da distância e do ver quem se admira. É dizer "eu te amo" e receber em troca um pedaço de papel com a assinatura daquele a quem você admira. É dedicar horas àquela pessoa e ganhar um postal no fim do ano, ou aquela foto que você mostra orgulhoso, daqueles segundos em que ficou ao lado do artista preferido. Ser fã é encontrar no mundo alguém que você queria ser, alguém que você queria ter, é um modo simples de sentir-se menos só na vida”.*  
Ruleandson do Carmo, Jornalista

A lealdade dos fãs é a chave do fenômeno Elvis. A sua morte deixou um enorme vazio que os fãs preencheram com convenções, rituais, fã-clubes e outras atividades. Essa intensa devoção resultou em uma combinação complexa de circunstâncias, começando com o início da carreira de Elvis no circuito country.

Os fãs da música country estão entre os mais leais da música popular. Muita gente que adora a música country continua fiel a um determinado intérprete durante décadas e eles geralmente influenciam seus filhos a virarem fãs também. A maioria dos fãs devotos de Elvis se interessou quando ele lembrava muito um cantor country, e eles permaneceram fiéis até depois de Elvis ser uma estrela nacional do rock 'n roll.

Presley sempre tentava dar aos seus fãs o que ele gostaria de ver e ouvir. Nos anos 50, o seu público vinha ver o seu estilo notório de apresentação, esperando que em cada apresentação ele melhorasse. Elvis conseguiu levar o seu público a uma experiência incompreendida por aqueles que não eram seus fãs. Nos anos 60, os fãs pagavam para ver os filmes musicais de Elvis. Nos anos 70, o público esperava que Elvis cantasse determinadas canções, vestisse seu macacão (sua marca registrada) e fizesse poses específicas - padrão de suas apresentações que ele manteve até sua morte.

Elvis, o Coronel e os membros da família de Elvis sempre trataram os fãs com a maior consideração desde os primeiros dias de seu sucesso até o final, quando Vernon Presley permitiu que os fãs levassem flores ao funeral do seu filho. Elvis

acreditava que o seu sucesso dependia dos seus fãs e ele sempre agradecia a fidelidade e o amor deles. Quando era jovem, ele permitia o acesso a sua vida pessoal de uma maneira que nenhum outro artista imaginaria fazer.

Antes de se mudar para Graceland, os fãs sempre estavam em volta da casa da família. Em Graceland, os fãs geralmente se juntavam no portão e Elvis vinha a cavalo até eles para dar autógrafos. Vester, tio de Elvis, era um dos guardas do portão e ele, às vezes, ficava lá e conversava com os fãs durante horas. Não importa a dificuldade que os fãs causaram na vida de Elvis forçando-o a viver em reclusão, ele nunca reclamou publicamente e sempre tinha coisas boas para falar à imprensa sobre os seus fãs. O Coronel Tom Parker dava prêmios e ofertas especiais aos fãs-clubes e doava objetos pessoais de Elvis para serem leiloados para instituições de caridade. Elvis chegou a dar um carro ao presidente de um de seus fãs-clubes. Quando ele estava em turnê durante os anos 50, Presley dava entrevista para jornalistas de jornais universitários e para fãs-clubes e também para os repórteres que trabalhavam em grandes veículos de comunicação da época.

Embora Elvis tenha acumulado grande fortuna e sucesso durante sua vida, ele nunca esqueceu seus fãs e que fora um menino sulista e pobre. Ele escolheu não morar de vez em Hollywood, preferiu ficar em Memphis, onde ele frequentava os comércios locais e contribuía generosamente com as instituições de caridade locais.

Elvis nunca perdeu completamente seu sotaque sulista e ele sempre preferiu a comida simples e a companhia de seus velhos e bons amigos. Apesar do dinheiro, da posição e do poder, ele nunca agiu como se fosse melhor que seus fãs. Para os fãs, isso significava que Elvis sempre foi um deles.

Os fãs de Elvis Presley sempre foram muito devotos, e muitos deles passaram essa qualidade a outras gerações como um legado. Os fãs de Elvis são testemunhas reais de seu talento e impacto sobre as pessoas. Após a morte de Elvis, a mitologia ao seu redor continuou a crescer com cada nova revelação sobre sua vida pessoal e cada nova reinterpretação de sua contribuição à cultura popular. Elvis, o homem, morreu em 16 de agosto de 1977, mas Elvis, o mito, continua a florescer, principalmente através da fidelidade de seus fãs.

Existem fãs maníacos por Elvis em diferentes graus. Os mais próximos à normalidade têm alguns discos originais, algumas coletâneas, uns DVDs e pelo menos um livro sobre a vida do cantor. E, é claro, são membros de algum dos fãs-clubes espalhados pelo mundo e freqüentam um lugar temático sobre Elvis. Eventualmente, se trajam como o Rei para ir a alguma festa à fantasia.

Há os elvismaníacos que fazem disso uma forma de ganhar a vida, como os Elvis covers. Os imitadores do Rei são atrações em shows em barzinhos e também em eventos corporativos. Em São Paulo, uma apresentação de uma hora do Rei do Rock rende um cachê de R\$ 1,5 mil a R\$ 5 mil, dependendo da estrutura do show. Já os totalmente fanáticos por Elvis dedicam boa parte de suas vidas a ele. Presidentes de fãs clubes do Rei do Rock é um bom exemplo. Walteir Terciani, que garante ser a pessoa que mais gosta de Elvis no mundo, fundou e preside o fã clube Gang'Elvis, que existe desde 1967. Até 2007, Terciani já havia visitado Graceland por 26 vezes e guarda com orgulho uma foto autografada pelo próprio Rei com os dizeres: "Para Walteir com os melhores desejos. De Elvis Presley".

O cinema soube retratar de forma sublime a Elvismania. Em "Um Estranho Chamado Elvis" (Finding Graceland, direção de David Winkler, 1998), Harvey Keitel faz um personagem que acredita ser Elvis Presley. Em sua jornada de volta ao lar, ou seja, a Graceland, ele consegue carona com um jovem e desiludido médico, que acabou de perder a esposa tragicamente. Este autêntico *road movie* sobre corações solitários é uma boa amostra do mundo e dos sentimentos que giram em torno do mito do Rei do Rock. Ponto alto do filme, é a performance de Harvey Keitel, que embora em nada se parece com Elvis, interpretando "Suspicious Mind" representa a verdadeira alma de todo elvismaníaco. Para os fãs de Elvis, sejam eles maníacos, fanáticos, loucos ou simples apreciadores de sua música, uma coisa é certa: "O Rei do Rock nunca morrerá."

## CONCLUSÃO

*“Elvis ensinou a América branca a se ajoelhar.”*

**(James Brown)**

Em seus primeiros anos de vida, Elvis cresceu em meio aos destroços de um furacão que devastou sua cidade no dia 5 de abril de 1936. Esse triste fato chocou mesmo o estado do Mississippi, na época um centro do racismo americano. Com a catástrofe houve uma união entre brancos e negros, que deixaram de lado por algum tempo, o conflito racial, tudo em prol da reconstrução da cidade.

Oficialmente, sua carreira artística começa ao entrar num estúdio em 1954 e grava seu primeiro compacto simples. A cidade sulista de Memphis reconhece seu filho mais dileto, "o caipira Elvis Aaron Presley". Sulista que nunca discriminou os negros, pois aprendera com eles nos seus corais Gospel a sua grande arte de interpretar com a alma e seu "dó de peito", uma poderosa voz de barítono conquistada sem nenhum estudo convencional, talento pronto, espontâneo. Mais adiante, agregaria consigo vários corais compostos de vozes dos negros e foi aí que muitos problemas começaram a surgir por parte dos brancos racistas da época. Nunca se apresentava sem a participação desses afinadíssimos grupos.

Com um som e estilo que unicamente combinavam suas diversificadas influências e confundiam e desafiavam as barreiras raciais da época, ele conduziu uma nova era da música e cultura pop americana.

Elvis pode até não ser o melhor artista da história do rock, mas com certeza é o maior. Foi o único a conseguir arregimentar multidões de adolescentes por onde passava e um dos maiores astros do cinema americano. Independente da qualidade de seus filmes é impossível que alguém que tenha assistido a algum filme seu não tivesse a vontade de estar no lugar dele. Pelo estudo feito, percebe-se que Elvis foi um astro construído para o estrelato, mas que também possuía um talento nato e o dom da música os quais deram base para a construção desse astro, caso contrário, não teria durado por tantos anos.

Elvis foi o único artista a se tornar membro de três halls da fama da música: rock'n'roll, country e gospel, ultrapassando qualquer outro. Ele é uma das figuras mais influentes na música e cultura americana.

Elvis tornou-se um dos maiores ícones da cultura popular mundial durante todo o século XX. Ele é, sem dúvida, o maior nome da música mundial. Nunca deixou de estar em evidência mesmo nos tempos de decadência física e emocional. Sua música nunca deixou de atrair milhares de pessoas, inclusive outras gerações que nem sequer o conheceram no auge da fama.

A morte de Elvis Presley foi chorada no mundo todo, seu pioneirismo e influência sobre uma vasta geração de músicos são incontestáveis até mesmo pelos críticos mais exigentes e isso mostra que, depois de Elvis, **o Rock'n'roll deixou de ser somente um ritmo e passou a ser um estilo de vida.**

**Morre o Homem, fica a fama.**

(Ataulfo Alves)

## Referências Bibliográficas

- ADORNO, T. W – “*A indústria Cultural*”, in Gabriel Cohn (org.), *Thodor Adorno*. Trad. de Amélia cohn. São Paulo, Ática, 1986.
- ADORNO, T. W. & Simpson, G – “*Sobre Musica Popular*” in Gabriel Cohn (org.), *Thodor Adorno*. Trad. De Flavio R. Kothe. São Paulo, Ática, 1986.
- BRANDAO, Junito de Souza. “*Mitologia Grega V*”. 1º ed. Vozes, 2001.
- CAMPBELL, Joseph. “*O poder do mito*”. ed. São Paulo: Palas Athena, 1990 (org. por Betty Sue Flowers; Trad. de Carlos Felipe Moisés)
- CODO, Wanderley – “*O que é alienação*”. 4º ed. São Paulo, Brasiliense, 1987
- COELHO, Teixeira. “*O que é indústria cultural*”. 16º. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- CORRÊA, Tupã Gomes – “*Rock nos passos da moda – Mídia, Consumo X Mercado Cultural*”, Campinas, SP: Papiros, 1989
- CHACON, Paulo – “*O que é Rock*”. 3º ed. São Paulo, Brasiliense, 1983
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Básico da Língua Portuguesa Folha/Aurélio*. São Paulo: Nova Fronteira, 1994.
- JORGENSEN, Ernest. *Elvis Presley- A vida na música*. ed. Larousse
- The Sound of the city, de Charlie Gillett (Souvenir Press, EUA, 1971)
- MUGGIATI, Roberto – “*História do Rock*”. São Paulo, ed. Três, 1985.
- Paul Friedlander. *Rock and Roll: Uma História Social*. Tradução de A. Costa. 4º ed, RJ: Record, 2006

### Capbel Josef – o poder do mito ed.

\* [www.dropmusic.com.br/index.php/.../1475-elvis-presley](http://www.dropmusic.com.br/index.php/.../1475-elvis-presley)

\* [http://br.geocities.com/elvis\\_voice/frases.html](http://br.geocities.com/elvis_voice/frases.html)

\* <http://www.clubrock.com.br/news/historiadorock.htm>

\* [http://www.paralerepensar.com.br/historia\\_do\\_rock.htm](http://www.paralerepensar.com.br/historia_do_rock.htm)

\* <http://www.elvistriunfal.com.br>